

## **Narrativas testemunhais de um grande acontecimento: uma análise de 295 vídeos sobre o “Massacre de 29 de Abril” publicados no Youtube**

*Witness narratives of a great event: an analysis of 295 videos on the "Massacre of April 29" Published on Youtube*

Felipe Simão PONTES<sup>1</sup>  
Angelo Eduardo ROCHA<sup>2</sup>

### **Resumo**

Mais de 20 mil pessoas sofreram os efeitos da violência policial ocorrida em Curitiba no dia 29 de abril de 2015. Muitos utilizaram seus dispositivos eletrônicos para registrar esse acontecimento histórico. Este texto analisa as táticas de narração utilizadas por produtores (em sua maioria amadores) de 295 vídeos sobre o “29 de abril” no YouTube. A análise quanti-qualitativa discrimina o uso de técnicas de edição, off, bg, texto, fotografia, roteiro e créditos. São descritos também táticas de narração e de testemunho no processo de disposição e/ ou edição dos vídeos. Dentre as categorias forjadas para a identificação desses vídeos, destacam-se “o fator jornalismo” (simulação de uma reportagem), clip, documentário e bruto como forma de testemunho “naturalizado”.

**Palavras-Chave:** 29 de Abril. YouTube. Amador. Narrativas.

### **Abstract**

More than 20,000 people have suffered the effects of police violence occurred in Curitiba on 2015, April, 29. Many used their electronic devices to record this historic event. This paper analyzes the narrative tactics used by producers (in its most amateurs) of 295 videos about the "April 29" on YouTube. This text analyzes the narration's tactics used by producers (mostly amateur) of 295 "April 29" videos on YouTube. The quantitative and qualitative analysis discriminates the use of techniques of editing, off, BG, text, photography, script and credits. Tactics of narration and testimony are also described in the process of arranging and / or editing the videos. Among the categories forged for the identification of these videos are the "journalism factor" (simulation of a report), clip, documentary and gross as a form of "naturalized" testimony.

**Keywords:** April 29. YouTube. Amateur. Narratives.

---

<sup>1</sup> Doutor do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Jornalismo da UEPG.  
E-mail: felipe271184@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduando em Jornalismo pela UEPG. E-mail: angeloeduardorocha@gmail.com

## Introdução

Este trabalho faz parte do projeto “As fotografias nos vídeos sobre o “29 de Abril”: uma análise da relação entre jornalismo e movimentos sociais” que estuda a utilização de fotografias nos vídeos realizados por pessoas comuns, manifestantes, jornalistas, veículos jornalísticos e atores sociais sobre o “29 de abril” publicados na plataforma YouTube. Como uma fase desta pesquisa, são apresentados aqui detalhes técnicos, táticas narrativas e processos de edição dos 295 vídeos encontrados com a palavra-chave “massacre 29 de Abril”.

A análise quanti-qualitativa discrimina o uso de técnicas de edição, off, bg, texto, fotografia, roteiro e créditos. São descritos também táticas de narração e de testemunho no processo de disposição e/ ou edição dos vídeos. Primeiramente são expostas as categorias que serviram de base para a análise. Em um segundo momento, as principais táticas narrativas e de edição encontradas para, posteriormente, sugerir uma categorização dos vídeos amadores e ou profissionais que servem como um testemunho e recurso de memória sobre o acontecimento em tela.

O dia 29 de Abril de 2015 está historicamente gravado como o confronto entre o governo de Carlos Alberto Richa e os servidores estaduais no Centro Cívico de Curitiba. Episódio divulgado e lembrado no Paraná, no Brasil e no mundo como o dia em que mais de 20 mil servidores desarmados (em sua maioria docentes) sofreram agressões de mais de 3 mil policiais fortemente equipados. O livro organizado por Gadini (2015) oferece relatos de ao menos 15 pesquisadores sobre o “29 de Abril”.

Durante mais de três horas, tudo o que se podia ver no Centro Cívico de Curitiba era professor limpando sangue do olho, rosto, colegas levando feridos até uma enfermaria improvisada no prédio da Prefeitura de Curitiba, pessoas correndo das bombas, desviando dos dois helicópteros em voo rasante jogando bombas para ‘surpreender’ os manifestantes que tentavam se esconder na praça e laterais de prédios públicos. E, como em tempos de ditadura solidariedade pouca é bobagem, os cerca de 4,8 mil policiais militares (entre recrutados, cordão de isolamento e apoio) não demonstraram qualquer constrangimento em jogar milhares de bombas, disparar armas e acionar spray de pimenta contra os servidores públicos. Para quem não viveu os horrores do regime militar brasileiro (1964/85), o “massacre de 29 de abril de 2015” não envergonha os generais da

ditadura. E a decisão só teve um sentido (em nada justificado): mostrar a força do aparelho repressivo do atual governo estadual, que é bancado pelos contribuintes. GADINI (2015, p.14-15)

A desproporção do ataque policial, a violência e saldo de mais de 200 feridos ganharam notoriedade e aumentaram a proporção do acontecido. Seguindo o que dispõe Rodrigues (1993), um grande acontecimento irrompe a normalidade do cotidiano, exigindo um processo de apreensão para possível compreensão de seus elementos. A própria mídia, como reforça Alsina (2009), serve para a proliferação dos acontecimentos, para seu impacto na coletividade e posterior entendimento.

Porém, não somente as empresas de mídia e os jornalistas dinamizam a co-produção desse acontecimento. Os próprios atores, com seus gadgets, celulares, máquinas fotográficas e câmeras pessoais produziram informação, divulgaram em redes sociais, pautaram assessorias, partidos políticos, veículos de comunicação. Seja com a intencionalidade profissional, como mecanismo de registro e, principalmente, forma de testemunho (aí o caráter mnemônico e documental de muitos desses vídeos), os indivíduos fazem do ato técnico de reprodutibilidade uma forma de experimentar a realidade extraordinária do acontecimento. A própria experiência se reconfigura em muitos desses vídeos. Por isso o interesse de sistematização desse material, visando compreender elementos espontâneos (ou não) de (não; pré) produção de audiovisuais específicos do e sobre o “29 de abril”. É possível, nesse cenário, compreender certos mecanismos de comunicação midiática que se transferem para a produção amadora (mimetismo), bem como materiais amadores que serviram para o processo de cobertura mais sistemático, caso de reportagens jornalísticas e documentários.

Em outubro de 2015, Malfatti (2015, p. 10) já buscava entender como em sua particularidade a “[...] plataforma YouTube, permitia à testemunha de um fato produzir e publicar seu conteúdo em um canal próprio que tem possibilidade de alcançar milhares de pessoas”. A autora destaca no artigo os vídeos que obtiveram mais visualização e interação. O esforço aqui é de expandir e sistematizar a análise de Malfatti destacando todos os vídeos que tratem exclusivamente do dia 29 de abril (não sobre acontecimentos posteriores ou anteriores ao fato). Em 27 de janeiro de 2016, havia no YouTube 295 vídeos sobre o 29 de abril.

## Metodologia

Para analisar os vídeos sobre o acontecimento “29 de abril”, foi realizada uma classificação quantitativa das características técnicas e narrativas das abordagens. Nesse tópico descrevemos o percurso para seleção da amostra, definição de categorias, aplicação de análise, saneamento dos dados e exposição dos resultados. Entende-se que, assim como afirmam Bauer e Gaskell (2002, p. 24), não há quantificação sem a constante qualificação das categorias.

A mensuração dos fatos sociais depende da categorização do mundo social. As atividades sociais devem ser distinguidas antes que qualquer frequência ou percentual possa ser atribuído a qualquer distinção. É necessário ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sociais, antes que se possa medir quantas pessoas pertencem a uma ou outra categoria. Se alguém quer saber a distribuição de cores num jardim de flores, deve primeiramente identificar o conjunto de cores que existem no jardim; somente depois disso pode-se começar a contar as flores de determinada cor. O mesmo é verdade para os fatos sociais. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 24).

Toma-se como objeto de trabalho os vídeos publicados na plataforma YouTube, site popular de difusão de vídeos profissionais e amadores e principal veículo de exposição de produções audiovisuais sobre o “massacre 29 de abril”. Heath (APUD BURGESS; GREEN, 2009, p. 23) considera a plataforma YouTube

[...] um objeto um tanto quanto difícil, instável, desorganizado, com uma tendência irônica de se esquivar de tudo o que dizemos sobre ela: dada a velocidade de suas mudanças (tecnológicas, econômicas, programáticas), seu fluxo interminável (de sons e imagens, a qualidade sempre efêmera de seu presente), sua mesmice quantitativa (que constitui a própria qualidade desse meio dia após dia).

No dia 23 de Setembro de 2015, o filtro inicial como “Massacre 29 de abril” somava 1.890 produções armazenadas na plataforma YouTube. A escolha desse filtro é justificada pela quantidade razoável de vídeos para análise, em específico porque aumentava as chances da produção resultar do acontecimento do dia 29 de abril de 2015 no Centro Cívico de Curitiba. A pesquisa “Professores 29 de abril” apresentou 6,180

produções (grande parte com desdobramentos do acontecido) e “29 de abril”, 150 mil (muitos dos vídeos de outros anos, locais e fatos, o que descontextualizava o esforço).

No dia 27 de janeiro de 2016, a classificação de todos os vídeos relacionados com o filtro “Massacre 29 de abril” enviado ao YouTube foi finalizada e se estabeleceu uma coleta final de 2230 resultados. Dessas, 295 produções tratam exclusivamente do fato em tela, sobre o dia em que ocorreu o Massacre e sem repetições.

Alguns usuários do YouTube criam *playlists* sobre alguns assuntos de interesse, o que implica na repetição de muitos dos vídeos. Ainda, alguns vídeos ficam armazenadas apenas nessas galerias. Dinâmica da plataforma que exigiu assistir todas as *playlists*. A maioria do conteúdo das *playlists* não guardava relação com o massacre “29 de abril”. Exemplo disso, a palavra “massacre” ofereceu como resultados vídeos que mostravam mortes, assassinatos, atos de decapitação humana e atos de tortura. As *playlistys* acabam aumentando artificialmente os números de vídeos, ou agrupando palavras que não possuem relação com a categoria inicial desta pesquisa.

Os dados sobre os vídeos foram classificados e estruturados em uma planilha aberta de dados (EXCEL), com os seguintes campos para preenchimento, assinalando positiva ou negativamente a presença:

1. Edição: qualquer vídeo que sofreu alguma modificação técnica em sua estrutura final. Esse campo foi inserido para permitir uma análise de todos os vídeos enviados ao YouTube, editados ou não, que retratavam o “29 de abril”;
2. Uso de off: campo que busca identificar a existência de alguma modificação nos vídeos pelo uso de quaisquer artifícios que alteram a captação original do áudio;
3. BG: classifica o uso de músicas em meio à narrativa. Decorrem da presença desse elemento técnico as subcategorias: 3.1 uso de música; 3.2 locução; 3.3 outros elementos sonoros;
4. Texto e 5. Fotografia (em meio ao vídeo): identifica presença na edição e narração;
6. Roteiro: considerado como um fator de edição, o campo foi inserido para facilitar a identificação de possíveis formatos como reportagem, documentário e curta-metragem. Busca identificar se existiu algum interesse de produzir e

- passar alguma mensagem ao público ou se existiu algum foco, seja histórico, social, apoio, midiático, testemunhal, que causasse reflexão;
7. Uso de direito autoral: identificar a quantidade de vídeos que utilizam materiais assinados ou com logomarca identificável. Decorrem da presença dessa categoria as subcategorias: 7.1 Imagens de programas de TV; 7.2 Fotografias; 7.3 Vídeos;
  8. Créditos finais: relacionar vídeos que apresentam assinatura, créditos e logomarcas;
  9. Produtora: empresas promotoras ou contratadas para a produção de conteúdo;
  10. Vinculação por entidades sociais/empresas: identificação de organizações que patrocinam/ pagam as produções;
  11. Autor: inserido para registrar e identificar os autores dos registros testemunhais;
  12. Acesso: identificar quais produções foram mais acessadas.

No processo de registro e catalogação, os vídeos foram separados em quatro planilhas dentro de um arquivo de classificação (EXCEL): 29 de abril, Depois do dia 29 de abril, Nada do dia 29 de abril e Antes do dia 29 de Abril. O recorte foi direcionado para a planilha 1, que contem 295 vídeos somente sobre o confronto do dia “29 de abril”. Após catalogação no Excel, o arquivo foi importado para o software SPSS (FERIN, 2007), os dados foram saneados e posteriormente exportados em tabelas e gráficos. No software utilizamos principalmente as ferramentas *Split Files*; *Frequencies*; e *Crosstabs*.

## **Discussão dos dados**

Dos documentários que ultrapassam 45 minutos aos vídeos brutos de segundos há diversas combinações narrativas e técnicas para representar o que foi o dia “29 de abril”. São utilizadas como táticas de exposição a divisão entre vídeos brutos e editados. Qualquer intervenção de edição encontrada no vídeo classifica-o no conjunto dos editados.

Os vídeos que não passaram por nenhum processo de edição mostram a evidência de um registro testemunhal sem preocupação com a estética. O processo de

especialização da edição evolui conforme as técnicas utilizadas. O vídeo bruto diferencia-se do “bruto junto” devido ao planejamento básico de roteirização sobre as imagens, exercitando um processo básico (ainda que rudimentar) de edição.

Os demais vídeos editados apresentam elementos mais específicos, como uma sequência de fotografias simultaneamente com alguma sonora, como a produção de *clips* musicais sobre o “29 de abril” que utilizam imagens, vídeos e elementos que retomam ao acontecimento. Esses conteúdos misturados inicialmente encontrado nos *clips* ajudam a caracterizar o formato “mix”, onde elementos fotográfico, sonoros e vídeos se apresentam livres na narrativa editada por amadores. A criatividade encontrada neste formato surpreende devido às conexões de sentidos através de imagens e sons, conexões que também são exploradas no formato curta-metragem e documentários.

Com base na amostra de 295 vídeos selecionados, 152 (51,53%) tiveram algum processo de edição. Por sua vez, os vídeos sem edição são 143 (48,47%).

Na plataforma YouTube foram encontrados 219 usuários que realizaram o upload (envio) de vídeos sobre o “29 de Abril”. Os autores que mais enviaram vídeos editados foram os usuários Gabriel Carven e Liberdade com quatro produções (1,3 %) cada. Os que mais enviaram vídeos brutos foram Bazar do Amigo Ctba com sete vídeos (2,3%), Claudia Wasilewski com seis (2%), Che Guevara e Luiz Ricardo Rech com cinco (1,6%).

O envio das produções mostra o envolvimento testemunhal ao fato, identificando-o como importante para receber o processo de registro diferenciado das mídias tradicionais. Esse movimento popular oposto faz com que o sujeito passe a produzir informação e não apenas consumir conteúdos como um espectador. Segundo Downing (2004, p. 42) “[...] alguns desses co-arquitetos, recorrendo aos movimentos sociais e às culturas de oposição, podem tornar-se, eles próprios, produtores da mídia radical.” (DOWNING. 2004, p. 42)

Créditos ou logomarcas foram encontrados em 57 vídeos, os 117 usuários que enviaram somente um vídeo sobre o “29 de Abril” e os 122 vídeos que não foram produzidos por empresas, entidades e produtoras confirmam que os vídeos predominantemente receberam edição amadora.

## Brutos

Os vídeos sem edição foram classificados como “bruto”, realizados em sua maioria por manifestantes, estudantes, imprensa, professores, funcionários ou pessoas que estavam no Centro Cívico no momento do confronto. Os próprios atores, com seus celulares, máquinas fotográficas e câmeras pessoais gravaram e comportaram-se como “cinematistas amadores” ou “fotógrafos amadores”. Em seguida ou em simultâneo, uparam (enviaram) suas produções para a plataforma YouTube, com a intenção de expor e divulgar os acontecimentos em frente a Praça Nossa Senhora de Salette, Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), Prefeitura de Curitiba, Palácio Iguazu ou proximidades do Centro Cívico da cidade de Curitiba.

Esses vídeos não apresentam necessariamente preocupações com a estética ou aparência. Porém, voluntaria ou involuntariamente, muitos desses vídeos amadores acabaram superando, esteticamente, a veracidade predominante nas imagens/vídeos de profissionais da comunicação. Essa característica decorre do fator testemunhal existente em produções que buscam uma naturalização da representação, como um “ao vivo”. Os próprios autores indicam no título do vídeo a intenção de comprovar o que ocorreu no Centro Cívico.

Especificamente, dois vídeos brutos gravados por sistemas de segurança reforçam ainda mais a tentativa de testemunho da “verdade dos fatos”. Trata-se de uma espécie de “Big Brother” em que o dispositivo, somente pela sua presencialidade já atestaria a verdade do que ocorreu. Os dois vídeos foram gravados pelos sistemas de segurança da polícia e da ALEP, recebendo os títulos: “Vândalos na greve dos professores do Paraná 5” e “black blocs”.

Esses vídeos são nomeados com o intuito de denunciar os professores, estudantes e servidores como possíveis criminosos. Outros títulos com características de denuncia são: “Manifestantes usam pedras contra policiais em Curitiba-PR”, “Vândalos na greve dos professores do Paraná 3”, “Vândalos na greve dos professores do Paraná 4” e “Professores “ameaçando” a vida de policiais! Greve Professores Paraná 29/04/2015”.

Destacam-se os vídeos brutos em que as posições são contrárias aos manifestantes porque a grande maioria tem por sentido predominante comprovar a violência policial. Trata-se de uma disputa de sentidos que ganha corpo em circuitos alternativos de mídia que replicam vídeos na intenção de determinar o que “aconteceu” no dia 29 de Abril. Muitas dessas imagens foram utilizadas por empresas de comunicação e jornalistas, indicando o trânsito de materiais produzidos nas esferas profissionais e amadoras.

Os efeitos da participação do cidadão na produção de imagens com valor jornalístico são detectáveis tanto no que se refere à criação e consolidação de circuitos alternativos de circulação de informação, quanto no que diz respeito às transformações da mídia tradicional em sua convivência forçada com os novos circuitos (PALÁCIOS; MUNHOZ, 2007, p.57).

A utilização de materiais amadores por empresas de comunicação e jornalismo, constante em tempos hipermidiáticos, apresenta apenas uma face da relação entre o discurso da mídia e o discurso do público. O outro lado dessa via de mão dupla, porém, revela-se em sua força e peculiaridade, pois muitos dos vídeos brutos trazem como características de destaque uma mimetização do trabalho jornalístico em reportagens televisivas. Denominam-se esses vídeos como “fator jornalismo”. O sujeito busca referências nas narrativas feitas por coberturas dos meios jornalísticos tradicionais para aplicar involuntariamente em seu vídeo. Falas que vão transformando o simples cidadão em um involuntário jornalista. Separam-se algumas frases para evidenciar características narrativas do “fator jornalismo”: “O cenário aqui é de guerra”, “ali em cima o helicóptero da polícia, mais bombas de efeito moral, gás lacrimogênio, spray de pimenta e o pessoal correndo e fugindo”, “nos não sabemos o aconteceu lá dentro, se alguém invadiu, se os deputados estão sozinhos”, “O pessoal está fugindo, não dá pra suportar porque é muito ardido, o olho arde demais”, “Essa é a repressão do governador contra o ato dos trabalhadores, servidores públicos e professores aqui do Paraná gratuitamente”, “olha o que a gente está vivendo”, “Ele retribuiu através da polícia militar com muita bomba, gás lacrimogênio e essa aqui é a resposta do Governo aos trabalhadores enquanto corta os seus direitos”, “20 mil trabalhadores reprimidos pela polícia do Richa” e “a polícia não deixa as pessoas entrarem no prédio que é público”.

Em muitos desses vídeos, os “repórteres” simulam passagens, entrevistam pessoas, fazem closes de situações e panorâmicas do espaço. Trata-se de um misto de narrador jornalista e ator/fonte, que alterna o popular e o profissional, demonstrando como a cultura popular adentra a mídia e o jornalismo e como o jornalismo conforma estruturas do contar da cultura popular. Nesses trechos, é possível notar como o jornalismo participa do modo como os sujeitos, na experiência, apreendem sensivelmente uma situação inesperada.

Nessas falas narrativas do acontecimento, podemos encontrar também comentários reflexivos, indignações da situação, relatos de acidentes e falas que buscam simplesmente mostrar algo considerado pelo manifestante como “noticioso”. Ao assistirmos essas produções narradas, pode ser percebida a presença de ativistas, ainda que seja uma presença esporádica, situacional, momentânea ou que tenha um lastro anterior ou posterior ao fato. Ainda assim, ao levantar o celular e intervir narrativamente na constituição do acontecimento, tem-se um ativista.

O ativista midiático é um bom contador de histórias tradicionais e contemporâneas, é detentor de um amplo repertório de culturas locais. É nessa “militância cultural” que ganha mais espaço como articulador das interações face a face, mesmo contaminadas pelas interações midiáticas. Os processos de apropriação e uso dos produtos midiáticos legitimam o prazer de posse e de reprodução de sentido modificado para os seus propósitos. É nesse campo de confronto pelo “bem-estar” dos sujeitos ou dos grupos de audiência que o ativista midiático dispara dispositivos de encaixe nos lugares onde as lógicas de negociação possibilitam apropriação e conversão de uso dos bens culturais midiáticos e bens culturais folkmediáticos na vida cotidiana de uma comunidade e até mesmo de uma cidade urbana. (TRIGUEIRO, 2005, p.6)

A repercussão desses materiais amadores ultrapassou as fronteiras, atingindo o âmbito internacional, pautando outras mídias profissionais. Como é o caso do envio de dois vídeos por um autor estrangeiro nomeado como Revolution News de Humboldt, da Califórnia, Estados Unidos. Os vídeos foram titulados como “Paraná, Brazil April 29, 2015 Teachers Strike” e “Brazil MP’s Attack on Teachers Strike in Parana”. Trata-se de um grupo internacional de jornalistas, fotógrafos, artistas, tradutores e ativistas independentes de comunicação de notícias internacionais com foco em direitos humanos.

O caráter amador dos vídeos brutos é atestado pela ausência de assinatura e créditos. Apenas sete vídeos (4,9%) enviados pelos usuários LLucasGGarcia, Rodrigo Penna, 31 pelo 15, MRequiao Filho<sup>3</sup>, Canal 500 Noticias e Brazil Press (duas vezes) apresentam créditos. Ao analisar o campo com o nome dos “autores”, o usuário Bazar do Amigo Ctba - sem nenhum inscrito em sua conta no YouTube - foi o autor que mais enviou vídeos sem edição sobre o dia “29 de abril”. Os sete vídeos do Bazar do Amigo Ctba são nomeados com o mesmo nome “Manifestação de professores em Curitiba 29 abril 2015”.

## **Editados**

Como visto anteriormente, parte significativa dos vídeos publicados no YouTube resulta apenas da gravação e posterior envio, sem trabalho prévio de edição. Segue-se a tática de exposição dos vídeos menos editados, para os mais elaborados. Nesse sentido é que uma modalidade de edição causou dúvidas na classificação entre bruto e editado, que foi denominado de “bruto junto”. Trata-se da união de pequenos vídeos brutos, sem técnicas de fusão. O formato “bruto junto” foi criado para aqueles formatos que tinham em sua estrutura características de vídeo bruto, mas que foram unidos para mostrar uma narrativa, alguns trazendo características de cronologia do fato ou acontecimento. Os vídeos unidos em forma de registro testemunhais do dia “29 de abril” tentam mostrar os ataques policiais ou simplesmente os momentos vividos em sua integridade. O bruto junto apareceu em 33 vídeos somando 21,7% de todos os vídeos editados (152).

A não edição ou edição simples manifesta na maioria dos vídeos comprova-se por outro lado na presença de 102 vídeos (67,1% dos editados) que não possuem roteiro prévio, número que indica mais produções realizadas por amadores, não profissionais da área de comunicação.

Parte dessas produções sem roteiro prévio utiliza material próprio, como fotografia, vídeo e áudio, o que se materializa em 52 vídeos (34,2% dos editados). O

---

<sup>3</sup> Os autores 31 pelo 15 e MRequiao Filho representam vídeos vinculados ao PMDB do Paraná, ao Senador Roberto Requião e seu filho, Deputado Estadual Roberto Requião Filho, adversários políticos do Governador Carlos Alberto Richa.

formato predominante desses vídeos é o “mix”. O formato Mix foi encontrado em 50 vídeos (32,9%) recebendo todas características de um processo de edição (texto, fotografia, roteiro, uso de imagem de TV, vídeo, fotografia de direitos autorais, bg e off), mas que não destacam aspectos predominantes de apenas um formato.

Devido à hibridação apresentada, foi o formato que mais se aproximou da convergência midiática. Esses não foram os vídeos em que foram utilizadas mais técnicas de edição ou apresentaram roteirização, predominando produções amadoras que tentavam utilizar todo o conteúdo autoral ou elementos externos encontrados nas redes sociais, site de busca, programas televisivos e da própria plataforma YouTube.

O formato “clip” apareceu em 11 vídeos (7,2%), com características do formato mix, mas com a diferença que recebem músicas em sua narrativa. Apresentam-se com a música fora do contexto do dia “29 de abril”, apenas como fundo de vídeos ou fotografias do dia, ou então em músicas produzida para retratar o dia. Nessa modalidade, também são utilizadas fotografias, imagens de programas televisivos, vídeos amadores e texto.

Por outro lado, foi destacado o formato que evidencia uma mídia em detrimento das demais, estabelecendo uma forma autônoma de exposição. É o caso do formato “fotografia”, encontrado em 34 vídeos (22,4%), em que predomina o tipo slide-show. Apenas dois vídeos neste formato não apresentam BG com música, um recebeu locução e outro, elementos sonoros do próprio dia “29 de abril” - apresentados em outro contexto. Para Kossoy (2001, p. 50),

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (KOSSOY, 2001, p. 50)

As fotografias que mais são utilizadas para compor narrativas de outros formatos são aquelas que tiveram maior circulação na sociedade, fotografias que demonstram momentos de tensões, pessoas feridas, imagens da brutalidade policial, flagras de armas letais entre os policiais e várias outras que podem ser encontradas no livro “Massacre 29 de Abril: gás, bala, bomba e pimenta contra os professores do Paraná”, organizado por Rafael Schoenherr (2015). Para Kossoy, as fotografias que se destacam buscam uma

análise iconográfica nas representações fotográficas, existindo a busca de significados para o conteúdo.

A análise iconográfica tem intuito de detalhar sistematicamente e inventar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos, o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado (KOSSOY, 2001).

Dentre os formatos mais elaborados, foram classificados 12 (7,9% dos vídeos editados) “curtas-metragens”. São produções que buscam, rapidamente, trazer e restaurar o momento histórico do confronto. Os vídeos “Greve na Educação Pública do Paraná e o Massacre do dia 29 de abril em Curitiba” (PIBID Filosofia Unioeste, 2015) e “Massacre de 30 de agosto de 1988 e 29 de abril de 2015\_APP Sindicato\_ legendado”, (PERINE, 2015), produzido pela APP Sindicato, exemplificam essa modalidade de produção.

O Documentário foi encontrado em quatro vídeos (2,6%). Todos apresentaram roteiro, off, crédito final e edição. São as produções com características que mesclam depoimentos com imagens do dia “29 de abril” ou imagens externas da imprensa. As vozes aparecem misturadas juntamente com sequências de imagens. Ramos (2008, p. 24) aponta que “[...] os enunciados assertivos são assumidos por entrevistas, depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo (flexionados para enunciar as asserções de que a narrativa necessita). O documentário, portanto, se caracteriza como narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si”.

São vídeos que apresentam de 20 a 45 minutos, período longo que desdobra vários acontecimentos do dia “29 de Abril”. O documentário "Massacre 29 de abril" (CARVEN, 2015), produzido pelo projeto de extensão Lente Quente da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em parceria com o programa Agência de Jornalismo da UEPG, TVcomunitária de Ponta Grossa e Sinduepg foi o documentário que obteve mais destaque, não somente pela visualização de 7722 pessoas, mas por ser o único documentário reenviado por outro usuário (Associação Nacional de História - ANPUH Brasil).

Os outros documentários foram “Luto pela Educação - Greve Geral dos(as) educadores(as) do Paraná 2015” (GRALHA DA APP, 2015) e “Greve dos Professores

no Paraná” (TURMA CMM 2015, 2015), este um produto final de um projeto da Disciplina de Comunicação, Sociedade e Cultura, do curso Comunicação e Mídias da UEM.

Todos documentários em sua estrutura são mesclados de depoimentos e imagens do acontecimento que desdobram perguntas e respostas sobre o dia “29 de abril”. Apresentam experiências sensoriais do som e imagem, fazendo que as testemunhas do documentário compartilhem seus sentimentos adquiridos depois do dia “29 de abril”. Além disso, todos os documentários reproduzem fotografias, o que acentua os sentidos estabelecidos na narrativa. “As imagens fotográficas não nos dão os conceitos; elas dão exemplos. (É por isso que tantos documentários se apoiam no comentário falado para guiar o espectador para a interpretação ‘correta’ das imagens ilustrativas do que é dito)” (NICHOLS, 2000, p. 98). Além da fotografia, os documentários utilizam música, texto e vídeos para constituir efeitos de narrativa.

Por sua vez, o formato “depoimento” está presentes em três vídeos (2,0%), estruturados em um depoimento único ou em vários em sequência. Esse formato foi separado do documentário por não apresentar nenhuma imagem ou vídeo do acontecimento.

Os formatos “censurado pi”, “notícia”, “sonoro”, “vídeo preto e branco” e “vídeo performance” apareceram somente uma vez cada, o que os une na categoria “outros”. “Censurado pi” é um vídeo bruto que sofreu edição sobre os xingamentos e palavrões. O Formato Notícia produzido pelo Abridor de latas e enviado pelo usuário APUFPR SSind, atende os padrões jornalísticos de notícia que segundo Beltrão (1969) é “[...] a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82).

O “formato sonoro” contém somente o áudio do dia 29 de abril de 2015 durante o confronto em Curitiba. O formato “vídeo preto e branco” é um vídeo “bruto junto” - sequência de vídeos amadores - que buscam um sentido ou registro testemunhal, as cores preto e branco destacam e exploram sentimentos inexistentes nas imagens, proporcionando o aumento da interpretação sobre as fotografias.

No “vídeo performance”, um personagem atua com inteira liberdade e interpreta os caminhos realizados pelos professores, servidores e estudantes durante o dia “29 de abril”, atentando-se aos detalhes de gravar um vídeo com a perspectiva de fuga e medo. Durante o vídeo é sobreposto um áudio do confronto, trazendo para o público uma sensação de presença e memória sonora e visual. O vídeo busca reviver e demonstrar a verdadeira presença testemunhal ao local junto com o ambiente sonoro do acontecimento.

## **Considerações finais**

Com as análises quantitativas e qualitativas sobre os vídeos enviados para a plataforma YouTube sobre o “Massacre 29 de Abril”, pode se notar a predominante presença de produções e edições realizadas por amadores. Portando sujeitos com seus aparelhos celulares, filmadoras, máquinas fotográficas se comportaram como “ativistas involuntários” esporádica, situacional e momentânea ao acontecimento, intervindo e construindo uma “militância cultural”, como citado por Trigueiro (2005).

O processo de produção e edição mais qualificado está diretamente vinculado às produtoras institucionalizadas. Porém, as produções com maior uso de técnicas de edição não tornam estes vídeos mais narrativos ou dispositivos de pesquisas mais complexos do que os relatos testemunhais, amadores e com menor produção. Estas respondem muito mais à cultura, ao ritual comunicativo, e, portanto, dizem mais da própria estrutura social que se manifesta na reprodução midiática (CAREY, 1989).

A separação em produções realizadas profissionalmente e amadora, entre o jornalismo e a cultura popular, encontra-se presente em todo artigo. Essas características e desdobramentos auxiliam metodologicamente para a construção de uma análise qualitativa sobre os vídeos catalogados que se referem ao grande acontecimento “29 de Abril”.

O artigo também abre espaço para a continuação de outras análises, utilizando diferentes fatores presentes nos vídeos. A plataforma YouTube, como espaço híbrido, possibilita a análise de fronteira das produções culturais de profissionais do campo do jornalismo e de outros setores profissionais da cultura, por um lado, e das produções de

amadores e do público em geral, por outro. Aspectos centrais para o entendimento das táticas de produção midiática dos profissionais, do público e da influência estrutural que a midiaticização causa nas formas de narrar do popular. Em especial nestes tempos de papéis tão indefinidos e de fronteiras tão embaralhadas.

## Referências

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CAREY, James. A cultural approach to communication. *In: Communication as culture: essays on media and society*. New York: Routledge, 1989.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical, rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. Senac, São Paulo, 2002.

FERIN, Isabel. SPSS e os estudos sobre mídia e o jornalismo. *In: LAGO, C; BENETTI, M. Metodologias da pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADINI, Sérgio L. Memórias, vidas em risco e alguns desafios da pesquisa em jornalismo no Paraná. *In: GADINI, Sérgio Luiz. (Org.). Coberturas jornalísticas (de)marcadas: a greve dos professores na mídia paranaense em 2015*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. p. 13-18.

GADINI, Sérgio Luiz. (Org.). **Coberturas jornalísticas (de)marcadas: a greve dos professores na mídia paranaense em 2015**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MALFATTI, Ligiane. A Testemunha cidadã: o YouTube como ferramenta na promoção de temas sociais. *In: II Seminário de jornalismo e cidadania na hipermídia. Anais*. Ponta Grossa, 2015.

PALÁCIOS, Marcos; MUNHOZ, Paulo. **Fotografia, blogs e jornalismo na internet: oposições, apropriações e simbioses**. Covilhã: LABCOM BOOKS, 2007. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&>

ved=0ahUKEwjV\_Kin4IXOAhUTPJAKHcYoCIIQFggeMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.facom.ufba.br%2Fjol%2Fpdf%2F2007\_palacios\_munhoz\_Fotografia.pdf&usg=AFQjCNFZB6nD9ggV450wbzGM0K7-YpUUiA&sig2=9DsvQOzU3WwsAZXEei5\_XQ&cad=rja>. Acesso em 21 jul. 2015.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal...** o que é documentário? São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, 2008.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável:** abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.